

BECCA
FITZPATRICK

AUTORA DA SÉRIE *HUSH, HUSH*

GELO
NEGRO



É difícil resistir ao perigo...

GELO
NEGRO

BECCA
FITZPATRICK

GELO
NEGRO

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by Becca Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL

Black Ice

REVISÃO

Rayana Faria

Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F583g

Fitzpatrick, Becca

Gelo negro / Becca Fitzpatrick ; tradução Viviane Diniz. - 1.
ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Black Ice

ISBN 978-85-8057-722-8

1. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título.

15-20511

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Riley e Jace,
que me contam histórias.*

ABRIL

A picape Chevrolet enferrujada deu um tranco e parou subitamente, e Lauren Huntsman acordou quando bateu com a cabeça na janela.

Piscou algumas vezes, ainda meio grogue. Sua mente parecia estar cheia de lembranças fragmentadas, pedaços estilhaçados que, se reunidos por ela, formariam algo inteiro. Uma janela com vista para o que aconteceu mais cedo naquela noite. Naquele momento, restavam apenas cacos dessa janela em sua cabeça latejante.

Lembrava-se da cacofonia da música country, das gargalhadas roucas e dos melhores momentos da NBA passando nas TVs, que ficavam no alto da parede. Prateleiras exibindo dezenas de garrafas de vidro que emitiam um brilho verde, laranja ou preto.

Preto.

Ela pedira uma dose dessa garrafa, porque a deixava tonta de um jeito bom. Alguém com a mão firme servira a bebida em seu copo um instante antes de ela beber tudo de uma só vez.

— Mais um — pedira, com a voz rouca, batendo com o copo vazio no balcão.

Lembrava-se de balançar o quadril junto ao corpo do caubói, em uma dança lenta. Tinha roubado o chapéu dele; ficava melhor nela. Um chapéu Stetson preto para combinar com seu vestido preto minúsculo, a bebida preta e seu mau humor sombrio — que, felizmente, era difícil de manter em uma espelunca brega como aquela, uma joia rara entre os bares no mundo esnobe e pretensioso de Jackson Hole, Wyoming, onde passava as férias com a família.

Tinha escapado furtivamente, e, além do mais, seus pais nunca a encontrariam ali. Aquele pensamento era uma luz brilhando no horizonte. Em pouco tempo estaria tão embriagada que nem lembraria como eles eram. Os olhares de reprovação riscavam suas lembranças, como tinta fresca escorrendo em uma tela.

Pintura. Cor. Arte. Ela tentara escapar para um mundo de calças jeans respingadas de tinta, dedos manchados e autoconhecimento, mas eles foram atrás dela e acabaram com seus sonhos. Não queriam uma artista de espírito livre na família. Queriam uma filha com um diploma de Stanford.

Se eles realmente a amassem... Ela não precisaria usar vestidos baratos e apertados, que deixavam a mãe enfurecida, nem se dedicar com afinco a causas que desafiavam o egoísmo e a moral rígida e aristocrática do pai.

Ela quase desejou que a mãe estivesse ali para vê-la dançando, para vê-la deslizando pela perna do caubói. Roçando o corpo no dele, quadril com quadril. Murmurando no ouvido dele as coisas mais sacanas em que poderia pensar. Só pararam de dançar quando ele foi até o bar pegar mais uma bebida para ela. Lauren podia jurar que dessa vez o gosto era diferente. Ou talvez estivesse tão bêbada que tenha imaginado aquele amargor.

Ele perguntou se ela queria ir a algum lugar mais reservado.

Lauren só considerou a ideia por um breve momento. Se era algo que sua mãe desaprovava, então a resposta era óbvia.



A porta do passageiro se abriu e Lauren conseguiu focar a visão por tempo suficiente para ver o caubói. Pela primeira vez notou que o nariz dele parecia meio torto, provavelmente um troféu de alguma briga de bar. Saber que ele tinha um temperamento forte deveria fazê-la gostar ainda mais dele, porém, estranhamente, Lauren se pegou desejando encontrar um homem que conseguisse controlar os impulsos e que não fosse dado a explosões infantis. Era o tipo de coisa civilizada que sua mãe diria. Reprimindo aquela sensação, Lauren culpou o cansaço por sua atitude irritantemente racional. Ela precisava dormir. Logo.

O caubói pegou o chapéu da cabeça dela e devolveu-o ao cabelo louro curto e bagunçado.

“Achado não é roubado...”, ela quis protestar. Mas não conseguia formar as palavras.

Ele a pegou do banco e a colocou sobre o ombro. A parte de trás do vestido estava subindo, mas ela não conseguia fazer com que as mãos lhe

obedecessem e puxassem o tecido para baixo. Sua cabeça estava tão pesada e frágil quanto um dos vasos de cristal da mãe. Estranhamente, assim que esse pensamento lhe ocorreu, sua cabeça milagrosamente ficou mais leve e pareceu sair de seu corpo, flutuando para bem longe. Não conseguia lembrar como tinha chegado ali. Tinham ido na picafe?

Lauren olhou para os saltos das botas do caubói deixando marcas na neve lamacenta. O corpo dela balançava a cada passo, e o movimento estava deixando seu estômago embrulhado. O ar muito frio, misturado ao cheiro forte dos pinheiros, fazia suas narinas arderem. As correntes de um balanço rangiam na varanda e mensageiros dos ventos tocavam uma música suave na escuridão. O som a fez suspirar. E estremecer.

Lauren ouviu o caubói destrancar uma porta. Tentou manter as pálpebras abertas por tempo suficiente para ter uma ligeira noção do que havia em volta. Teria que ligar para o irmão de manhã e pedir que fosse buscá-la. Supondo que soubesse lhe dizer onde estava, pensou, ironicamente. Seu irmão a levaria de volta para o chalé, repreendendo-a por ser tão imprudente e autodestrutiva, mas apareceria. Ele sempre aparecia.

O caubói a colocou de pé, segurando-a pelos ombros para ajudá-la a se equilibrar. Lauren olhou lentamente ao redor. Uma cabana. Ele a levava para uma cabana de madeira. A sala em que estavam tinha móveis rústicos de pinho, do tipo que pareceria brega em todos os lugares, menos em uma cabana. Uma porta aberta do outro lado da sala levava a uma pequena despensa com prateleiras de plástico nas paredes. O cômodo estava vazio, exceto por uma desconcertante barra de metal que ia do chão ao teto e uma câmara em um tripé, posicionada de frente para a barra.

Mesmo em meio ao torpor em que Lauren estava, o medo a dominou. Ela tinha que sair dali. Algo ruim iria acontecer.

Mas seus pés não se moviam.

O caubói a apoiou contra a barra. Assim que a soltou, Lauren caiu no chão. Seus sapatos altos saíram do pé quando seus tornozelos deslizaram para o lado. Ela estava bêbada demais para conseguir se levantar. Sua mente girava, e ela piscava desesperadamente, tentando encontrar a porta que levava para fora dali. Quanto mais tentava se concentrar, mais rápido a sala girava. Sentiu vontade de vomitar e virou para o lado para não sujar as roupas.

— Você deixou isso no bar — disse o caubói, colocando o boné de beisebol do Cardinals na cabeça dela.

Tinha sido um presente do irmão quando ela fora aceita em Stanford, algumas semanas antes. Seus pais provavelmente o haviam convencido a

fazer isso. De maneira muito suspeita, o presente chegara logo depois que ela anunciara que não iria para Stanford — nem para nenhuma outra faculdade. O pai tinha ficado tão vermelho, tão sem ar, que ela teve certeza de que uma fumacinha sairia dos ouvidos dele, como nos desenhos animados.

O caubói tirou a corrente dourada que Lauren trazia no pescoço, os dedos ásperos roçando o rosto dela.

— É valioso? — perguntou ele, examinando de perto o pingente em forma de coração.

— É *meu* — disse ela, de repente muito na defensiva.

Ele até podia ter pegado o chapéu fedido de volta, mas o pingente era dela. Um presente que seus pais lhe deram na noite de seu primeiro recital de balé, doze anos antes. Foi a primeira e única vez que eles aprovaram algo que ela decidira fazer — era a única coisa que a fazia pensar que, lá no fundo, eles deviam amá-la. Fora do balé, sua infância tinha sido comandada, pressionada e moldada pela vontade deles.

Dois anos antes, aos dezesseis, sua própria vontade falou mais alto. Arte; teatro; bandas indie; dança contemporânea instigante e improvisada; reuniões com ativistas políticos e intelectuais que haviam abandonado a faculdade para buscar uma educação alternativa (o que *não* significa que abandonaram os estudos); e um namorado com uma mente brilhante e atormentada, que fumava maconha e escrevia poesia em muros de igreja, bancos de parque, carros e na ávida alma de Lauren.

Os pais tinham deixado claro o desgosto pelo novo estilo de vida da filha. E responderam com toques de recolher e cada vez mais regras, estreitando as paredes do confinamento, sufocando-a e tirando sua liberdade. Rebelar-se contra eles foi a única maneira que Lauren encontrou de enfrentá-los. Chorou escondido quando largou o balé, mas precisava feri-los de alguma forma. Eles não tinham o direito de escolher o que iriam amar na filha. Ou demonstrava por ela amor incondicional ou a perderiam completamente. Aquelas eram suas condições. Aos dezoito anos, Lauren tinha uma determinação de aço.

— É *meu* — repetiu.

Precisou se concentrar o máximo que pôde para falar. Tinha que conseguir seu pingente de volta, e precisava sair dali. Sabia disso. Mas uma estranha sensação havia se apoderado de seu corpo; era como se estivesse assistindo àquela cena sem, no entanto, sentir qualquer emoção.

O caubói pendurou o cordão com o pingente na maçaneta da porta e, com as mãos livres, amarrou os pulsos dela com uma corda áspera. Lauren estreme-

ceu quando ele deu o nó. Ele não podia fazer isso com ela, pensou, distante. Lauren tinha concordado em ir até ali com ele, mas não em se submeter àquilo.

— Me... *solta* — disse ela com a voz arrastada, uma tentativa fraca e nada convincente de exigir alguma coisa, o que fez seu rosto arder de humilhação.

Ela amava a linguagem, amava cada palavra que havia dentro de si, viva e pulsante, cuidadosamente escolhida, empoderadora; queria sacar essas palavras do bolso agora, mas, quando procurou lá no fundo, encontrou fios soltos, um buraco. As palavras tinham caído de sua cabeça confusa.

Jogou os ombros para a frente inutilmente. Ele a amarrara à barra. Como ela iria recuperar o cordão? A ideia de perdê-lo fez o pânico se instalar em seu peito. Se ao menos seu irmão tivesse retornado a ligação... Ela havia deixado uma mensagem dizendo que ia sair para beber naquela noite, queria testá-lo. Ela o testava constantemente — quase todos os fins de semana —, mas aquela era a primeira vez que ele ignorava sua ligação. Queria saber se ele se preocupava com ela o suficiente para impedi-la de fazer uma bobagem.

Será que tinha finalmente desistido dela?

O caubói estava saindo. Quando chegou à porta, levantou um pouco o chapéu preto, revelando os olhos azuis presunçosos e vorazes. Lauren percebeu então a grandeza de seu erro. Ele nem sequer *gostava* dela. Será que iria chantageá-la com fotos comprometedoras? Era esse o motivo da câmera? Ele devia saber que seus pais pagariam qualquer preço por elas.

— Tenho uma surpresa para você no barracão de ferramentas, lá atrás — disse ele, lentamente. — Não vá a lugar algum, ouviu?

A respiração dela ficou rápida e irregular. Lauren queria dizer o que achava da surpresa dele, mas suas pálpebras se fecharam ainda mais, e a cada tentativa levava mais tempo para abri-las. Começou a chorar.

Já ficara bêbada antes, mas nunca daquele jeito. Ele lhe dera alguma coisa. Devia ter colocado alguma droga em sua bebida. A droga a deixava exausta e ela se sentia pesada. Roçou a corda contra a barra. Ou ao menos tentou. Seu corpo todo estava pesado de sono. Ela precisava lutar contra isso. Algo terrível iria acontecer quando ele voltasse. Tinha que convencê-lo a desistir.

Mais rápido do que ela esperava, a silhueta dele surgiu na entrada da despensa, escurecendo o ambiente. As luzes o iluminavam por trás, projetando no chão uma sombra com o dobro de sua altura. Ele já não estava de chapéu, e parecia maior do que ela se lembrava, mas não era nisso que Lauren estava concentrada. Seus olhos foram direto para as mãos dele. O caubói estava esticando uma segunda corda, verificando se estava boa.

Ele foi em direção a Lauren e, com as mãos trêmulas, colocou a corda em volta do pescoço dela e o puxou para trás, contra a barra. Luzes invadiram os olhos dela. O caubói estava puxando com muita força. Ela soube, instintivamente, que ele estava nervoso e empolgado. Sentia isso no tremor ansioso do corpo dele. Ouvia a respiração ofegante e entrecortada cada vez mais intensa, mas não pelo esforço. Pela adrenalina. Isso fez o estômago dela se revirar de pavor. Ele estava *gostando* daquilo. Um estranho gorgolejo chegou aos seus ouvidos, e Lauren percebeu, com pavor, que era sua própria voz. O som a assustou. Ele xingou e puxou com mais força.

Dentro de sua cabeça, ela gritava sem parar. Gritava enquanto a pressão aumentava, arrastando-a para a morte.

Ele não queria tirar fotos. Queria matá-la.

Ela não iria deixar aquele lugar horrível ser sua última lembrança. Fechou bem os olhos e se deixou levar escuridão adentro.

UM ANO DEPOIS

CAPÍTULO UM

Se eu morresse, não seria de hipotermia.

Concluí isso enquanto enfiava um saco de dormir de penas de ganso na parte de trás do meu jipe e o amarrava, junto com cinco sacolas de equipamentos, cobertores de lã, sacos de dormir de seda, aquecedores para dedos do pés e tapetes para forrar o chão. Certa de que nada sairia voando do carro durante as três horas de viagem até Idlewilde, fechei a porta traseira e limpei as mãos no short jeans.

Meu celular berrou com Rod Stewart cantando “If you want my body”, e demorei um pouco a atender só para soltar a voz no trecho “*and you think I’m sexy*” junto com Rod. Do outro lado da rua, a sra. Pritchard fechou a janela da sala com força. Eu não podia desperdiçar um toque de celular como aquele, essa é a verdade.

— Ei, gata — disse Korbie do outro lado da linha, estourando uma bola do chiclete que estava mascando. — Vamos conseguir sair na hora ou não?

— Um pequeno problema. O jipe está lotado — falei, com um suspiro dramático. Korbie e eu somos melhores amigas desde sempre, mas agimos mais como irmãs. Provocações fazem parte da diversão. — Já guardei os sacos de dormir e os equipamentos, mas vamos ter que deixar uma das malas para trás: uma azul-marinho com alças rosa.

— Se abandonar a minha mala aí, pode dar adeus à minha fortuna.

— Eu devia ter imaginado que você ia tentar a cartada da família rica.

— Quem tem dinheiro precisa ostentar. De qualquer forma, você devia culpar toda essa gente se divorciando e contratando a minha mãe. Se as pes-

soas conseguissem simplesmente dar um beijo e fazer as pazes, ela ficaria sem trabalho.

— E aí você teria que se mudar. No que me diz respeito, acho o divórcio o máximo.

Korbie riu.

— Acabei de ligar para o Urso. Ele ainda não começou a arrumar as malas, mas jurou que vai se encontrar com a gente em Idlewilde antes de escurecer. — A família de Korbie era dona de Idlewilde, uma pitoresca cabana no Parque Nacional Grand Teton, e, pela semana seguinte, isso seria o mais perto da civilização a que iríamos chegar. — Eu disse a ele que se tivesse que tirar morcegos das calhas dos telhados, ele poderia contar com um longo e casto recesso de primavera — acrescentou Korbie.

— Ainda não acredito que seus pais deixaram você viajar com o seu namorado.

— Bem... — começou Korbie, hesitante.

— Eu sabia! Tem mais coisa aí.

— Calvin vai também.

— O quê?

— Ele vem para casa por causa do recesso, e meu pai o forçou a ir com a gente. Ainda não conversei com Calvin, mas ele não deve ter gostado nada da ideia. Ele odeia quando meu pai lhe diz o que fazer. Principalmente agora, que está na faculdade. Ele vai estar o mau humor em pessoa, e sou eu quem vai ter que aguentar.

Sentei-me no para-choque do jipe, os joelhos de repente parecendo feitos de areia. Respirar doía. De uma hora para outra, o fantasma de Calvin parecia estar por toda parte. Eu me lembrei da primeira vez que nos beijamos. Estávamos brincando de esconde-esconde perto do rio atrás de sua casa. Ele passou os dedos pela alça do meu sutiã e enfiou a língua na minha boca, enquanto os mosquitos zumbiam em meus ouvidos.

E eu tinha gastado cinco páginas do meu diário para registrar o evento *ad nauseam*.

— Ele deve chegar à cidade a qualquer minuto — disse Korbie. — Que saco, né? Quer dizer, você já esqueceu meu irmão, certo?

— Com certeza — falei, esperando soar blasé.

— Não quero que role um clima estranho, sabe?

— Nossa, claro que não. Não penso no seu irmão há milênios. — Então disparei: — E se eu ficar de olho em você e no Urso? Diga a seus pais que não precisamos do Calvin.

A verdade é que eu não estava pronta para ver Calvin. Talvez eu pudesse escapar da viagem. Fingir que tinha ficado doente. Mas era a *minha* viagem. Eu tinha dado duro por isso. E não ia deixar Calvin estragar tudo. Ele já tinha estragado coisas demais.

— Eles não vão cair nessa — disse Korbie. — Ele vai se encontrar com a gente em Idlewilde hoje à noite.

— Hoje à noite? E o equipamento? Ele não vai ter tempo de arrumar tudo. Estamos nos preparando há dias.

— Estamos falando do Calvin. Ele é, tipo, praticamente um montanhês. Espera... O Urso está na outra linha. Ligo para você de novo daqui a pouco.

Desliguei e me deitei esparramada na grama. *Inspire, expire*. Bem quando eu tinha conseguido seguir em frente, Calvin voltava à minha vida, me arrastando para o ringue, para o segundo round. Eu poderia rir da ironia daquilo tudo. “Ele sempre tinha que ter a palavra final”, pensei, sem acreditar.

É claro que ele não precisava de tempo para se preparar — tinha crescido fazendo trilhas nos arredores de Idlewilde. Seu equipamento devia ficar no armário, pronto para ser usado a qualquer momento.

Rebobinei minha memória vários meses, até chegar ao outono. Calvin era calouro em Stanford fazia cinco semanas quando terminou comigo. Pelo telefone. Em uma noite em que eu realmente precisava dele ao meu lado. Eu não queria nem pensar sobre aquilo agora — doía demais lembrar o que tinha acontecido naquela noite. Como tinha terminado.

Depois, com pena de mim, Korbie tinha, estranhamente, concordado em me deixar planejar nosso recesso de primavera do último ano, tentando me animar. Nossas duas outras melhores amigas, Rachel e Emilie, iam para o Havaí. Korbie e eu conversamos sobre passar essas miniférias com elas nas praias de Oahu, mas devo adorar me castigar, porque disse “*adiós*, Havaí” e decidi que, em vez disso, faríamos trilha pelas montanhas Tetons. Se Korbie percebeu por que escolhi esse lugar, teve a sensibilidade de não tocar no assunto.

Eu sabia que o recesso de primavera de Calvin iria coincidir com o nosso, assim como sabia que ele adorava fazer trilhas e acampar nas Tetons. Eu esperava que, quando soubesse da nossa viagem, ele se convidasse para ir junto. Desejava desesperadamente passar algum tempo com ele, e fazê-lo me ver de forma diferente e se arrepender de ter sido idiota por ter terminado comigo.

Mas, após meses sem notícias dele, eu finalmente tinha entendido: Calvin não estava interessado na viagem, porque não estava interessado em

mim. Ele não queria voltar. Desisti, então, de nutrir qualquer esperança de ficarmos juntos e endureci meu coração. Eu não queria mais nada com Calvin. Agora aquela viagem era só para mim.

Fechei a mente para as lembranças e tentei pensar nos meus próximos passos. Calvin estava voltando para casa. Após oito meses, eu iria vê-lo, e ele iria me ver. O que eu ia dizer? Seria estranho?

É claro que seria estranho.

Senti vergonha por meu pensamento seguinte ter sido tão incrivelmente fútil: me peguei pensando se tinha engordado desde a última vez que ele me vira. Achava que não. No mínimo, as corridas e o levantamento de peso que eu havia feito em preparação para nossa viagem tinham deixado minhas pernas torneadas. Tentei me agarrar à ideia das pernas sexy, mas aquilo não estava fazendo com que eu me sentisse nem um pouco melhor. Parecia que eu ia vomitar. Não podia ver Calvin. Pensei que tivesse seguido em frente, mas toda a dor estava voltando, crescendo em meu peito.

Procurei respirar fundo mais algumas vezes, me recompondo, e ouvi o rádio do jipe ao fundo: não uma canção, mas a previsão do tempo.

— *...fortes tempestades devem chegar à região sudeste de Idaho. Hoje à noite, a probabilidade de chuva subirá para noventa por cento, com trovoadas e possibilidade de ventos fortes.*

Tirei os óculos de sol e os coloquei no alto da cabeça; observei, com olhos semicerrados, o céu azul que se estendia de um lado a outro do horizonte. Nem uma sombra de nuvem. Ainda assim, se estava para chover, eu queria pegar a estrada antes disso. O bom é que estávamos saindo de Idaho e seguindo, antes da tempestade, para Wyoming.

— Pai! — gritei, uma vez que as janelas da casa estavam abertas.

Um instante depois ele apareceu na porta. Coloquei a cabeça para fora do carro e fiz meu melhor biquinho de garotinha do papai.

— Preciso de dinheiro para a gasolina, pai.

— O que aconteceu com a sua mesada?

— Tive que comprar coisas para a viagem — expliquei.

— Ninguém nunca lhe disse que dinheiro não cresce em árvores? — brincou ele, me observando com ar paternal enquanto balançava a cabeça.

Eu me levantei bruscamente e lhe dei um beijo na bochecha.

— Preciso *mesmo* de dinheiro para a gasolina.

— Claro que precisa. — Ele abriu a carteira com o mais suave suspiro resignado. E me deu quatro notas desbotadas e amassadas de vinte. — Não deixe o tanque de gasolina baixar mais do que um quarto do volume cheio,

entendido? É difícil achar um posto lá nas montanhas. Não há nada pior do que ficar presa em algum lugar.

Guardei o dinheiro no bolso e sorri de modo angelical.

— Melhor dormir com o celular e com um cabo de reboque embaixo do travesseiro, por garantia.

— Britt...

— Estou brincando, pai — falei, rindo. — Não vou ficar presa em lugar nenhum.

Endireitei-me no banco do jipe. Eu tinha abaixado a capota, e o sol deixara o carro pegando fogo. Me estiquei para checar meu reflexo no espelho retrovisor. Até o fim do verão, meu cabelo estaria claro como palha, e eu ganharia umas dez novas sardas. Tinha herdado genes alemães do meu pai e suecos da minha mãe. Chances de ficar toda vermelha por causa do sol? Cem por cento. Peguei um chapéu no banco do passageiro e enfiei na cabeça. Droga, eu estava descalça.

Um look perfeito para uma loja de conveniência.

Dez minutos depois, eu estava na loja, enchendo um copo com raspadinha de framboesa. Tomei um pouco e enchi de novo. Willie Hennessey, que estava no caixa, me olhou de cara feia.

— Nossa — reclamou ele. — Não quer pegar mais vezes, não?

— Já que você ofereceu — falei, alegremente, e segurei o canudo com os lábios para encher o copo mais uma vez.

— Tenho que manter a lei e a ordem por aqui.

— Foram só *dois* golinhos, Willie. Ninguém vai à falência por causa de dois goles. Quando você ficou tão ranzinza?

— Desde que você começou a furtrar raspadinha e fingir que não sabe usar a bomba de gasolina, me obrigando a sair e encher o tanque para você. Toda vez que você para aqui, eu tenho vontade de morrer.

Franzi o nariz.

— Não quero ficar com as mãos cheirando a gasolina. E você é mesmo muito bom com a bomba, Willie — acrescentei, com um sorriso adulator.

— A prática leva à perfeição — murmurou ele.

Eu estava caminhando descalça pelos corredores à procura de balas e salgadinhos, pensando que, se Willie não gostava de colocar gasolina no meu carro, ele deveria procurar outro emprego, quando escutei o sininho da porta. Não cheguei nem a ouvir os passos antes de sentir mãos quentes e calejadas cobrirem meus olhos.

— Adivinha quem é?

Aquele cheiro familiar de sabão me fez congelar. Rezei para ele não sentir meu rosto ficar quente ao seu toque. Durante um bom tempo, não consegui encontrar minha voz, que pareceu se encolher dentro de mim, descendo dolorosamente pela garganta.

— Me dê uma pista — falei, esperando soar entediada. Ou levemente irritada. Qualquer coisa, menos magoada.

— Baixo. Gordo. Os dentes de cima terrivelmente para a frente.

Aquela voz suave e provocante depois de tantos meses. Soava familiar e estranha ao mesmo tempo.

Senti-lo tão perto me deixou desorientada. Tive medo de começar a gritar com ele, bem ali na loja de conveniência. E, se eu o deixasse chegar perto demais, tive medo de *não* gritar com ele. E eu queria gritar — tinha passado oito meses praticando em pensamento o que diria, e estava pronta para colocar para fora.

— Nesse caso, eu chutaria... Calvin Versteeg — falei, em um tom despreocupadamente educado.

O desprezo em minha voz não foi programado. E eu não poderia estar mais aliviada por isso.

Ele parou na minha frente e apoiou o cotovelo na prateleira. Então abriu um sorriso malicioso. Ele desenvolvera esse charme cínico anos antes. Eu caía igual a uma idiota na época, mas estava mais forte agora.

Ignorei sua beleza e o olhei de cima a baixo, com ar entediado. Ao que parecia, ele tinha deixado o travesseiro arrumar seu cabelo naquela manhã. Estava maior do que eu me lembrava. Nos dias mais quentes dos treinos de corrida, com o suor pingando das pontas, seu cabelo ficava escuro como um tronco de árvore. A lembrança provocou uma dor dentro de mim. Coloquei a nostalgia de lado e procurei olhar para Calvin com desinteresse.

— O que você quer? — perguntei.

Sem pedir, ele virou o canudo da minha raspadinha de lado e se serviu. Depois limpou a boca com a mão.

— Me fale sobre essa história de acampar.

Afastei a raspadinha para que ele não pudesse pegar.

— Vamos fazer uma *trilha*. — Achei importante deixar clara a diferença. Qualquer um podia acampar. Fazer trilha exigia habilidade e coragem.

— Já tem tudo de que precisa? — continuou ele.

— E umas coisinhas a mais também. — Dei de ombros. — Ei, uma garota precisa de brilho labial.

— Vamos ser sinceros. Korbie nunca vai deixar você sair da cabana. Ela tem pavor de fazer qualquer coisa ao ar livre. E você não consegue dizer não para ela. — Ele bateu o dedo na cabeça, com ar de sabedoria. — Sei como vocês, garotas, são.

Olhei para ele com ar de indignação.

— Vamos fazer trilha durante uma semana inteira. Nosso percurso tem sessenta e cinco quilômetros.

Ok, talvez eu estivesse exagerando *um pouco*. Na verdade, Korbie havia concordado com não mais do que três quilômetros de caminhada por dia, e tinha insistido para que andássemos em círculos ao redor de Idlewilde, caso precisássemos de acesso rápido a conveniências e TV a cabo. Embora eu nunca tivesse sinceramente esperado fazer trilha a semana inteira, tinha planejado deixar Korbie e o Urso na cabana por um dia e caminhar sozinha. Queria colocar meu treinamento à prova. Obviamente, agora que Calvin iria também, ele logo descobriria nossos verdadeiros planos, mas no momento minha maior prioridade era impressioná-lo. Eu estava de saco cheio de aturar suas insinuações constantes de que não tinha motivo para me levar a sério. E, mais tarde, eu poderia responder a qualquer crítica que ele fizesse argumentando que eu queria fazer trilha todos os dias e Korbie estava dando para trás; Calvin não acharia absurda aquela desculpa.

— Você sabe que várias trilhas ainda estão cobertas de neve, certo? E as cabanas ainda não abriram para a temporada, então não tem muita gente por aquelas bandas. Até o posto da Guarda Florestal de Jenny Lake está fechado. Cada um é responsável pela própria segurança... eles não garantem o resgate.

Arregalei bem os olhos e o encarei.

— Não me diga! Não estou me metendo nisso completamente às cegas, Calvin — disparei. — Já está tudo certo. Vamos nos sair bem.

Ele esfregou a boca, disfarçando um sorriso e deixando bem claro o que pensava.

— Você realmente acha que eu não consigo fazer isso — falei, tentando não parecer magoada.

— Só acho que vocês duas vão se divertir mais se forem ao Lava Hot Springs. Podem ficar de molho nas piscinas de água mineral e passar um dia fazendo compras em Salt Lake.

— Passei o ano todo treinando para esta viagem — rebati. — Você não sabe como me esforcei, porque não estive por perto. Você não me vê há oito meses. Não sou mais aquela garota que você deixou para trás. Você não me conhece mais.

— Entendido — disse ele, levantando as palmas das mãos para mostrar que era apenas uma sugestão inocente. — Mas por que Idlewilde? Não tem nada para fazer lá em cima. Você e Korbie vão ficar entediadas na primeira noite.

Eu não compreendia por que Calvin estava tão determinado a me fazer desistir. Ele adorava Idlewilde. E sabia tão bem quanto eu que havia muito o que fazer por lá. Então a ficha finalmente caiu. Aquilo não tinha nada a ver comigo ou com o lugar. Ele não queria ter que ir junto. Não queria desperdiçar seu precioso tempo comigo. Se ele me fizesse desistir da viagem, seu pai não o obrigaria a nos acompanhar, e ele teria seu recesso de primavera de volta.

Procurei assimilar a informação, embora fosse doloroso. Limpei a garganta.

— Quanto seus pais tiveram que desembolsar para fazer você ir com a gente?

Ele me olhou com falso desdém.

— Obviamente não o bastante.

Então era assim que as coisas iam ser. Um flerte insignificante aqui, uma provocação ali. Mentalmente, peguei um marcador preto e fiz um grande X no nome Calvin.

— Só para deixar claro, fui contra você ir com a gente. Você e eu juntos de novo? Não consigo pensar em nada mais desconfortável.

Aquilo tinha soado bem melhor na minha cabeça. Mas, pairando entre nós agora, as palavras passavam ciúme, mesquinharria e maldade — exatamente o que se espera de uma ex-namorada. Eu não queria que ele soubesse que eu ainda estava sofrendo. Não quando ele estava ali, todo cheio de sorrisos e piscadelas.

— Ah, é? Bem, esta dama de companhia aqui acabou de passar o seu toque de recolher para uma hora mais cedo — brincou.

Acenei com a cabeça em direção ao BMW X5 com tração nas quatro rodas estacionado lá fora.

— É seu? — perguntei. — Outro presente dos seus pais, ou você arranjou algo para fazer sem ser correr atrás das garotas em Stanford... como ter um trabalho respeitável, por exemplo?

— Meu trabalho é correr atrás das garotas. — Um meio sorriso odioso. — Mas eu não o chamaria de respeitável.

— Nenhuma namorada séria, então?

Não consegui olhar para ele, mas senti um imenso orgulho do meu tom casual. E disse a mim mesma que não me importaria com sua resposta, inde-

pendentemente de qual fosse. Na verdade, se ele tivesse seguido em frente, seria mais um sinal verde indicando que eu estava livre para fazer o mesmo.

Ele me cutucou.

— Por quê? Você tem namorado?

— Claro.

— Aham, claro. — Ele bufou. — Korbie teria me contado.

Não dei para trás, arqueando as sobrancelhas com um ar presunçoso.

— Acredite ou não, existem coisas que Korbie não conta para você.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E quem é? — perguntou, com cautela, e eu percebi que ele estava analisando se acreditava ou não na minha história.

A melhor maneira de consertar uma mentira é não contar outra. Mas fui em frente mesmo assim:

— Você não o conhece. Ele é novo na cidade.

Calvin balançou a cabeça.

— Muito conveniente. Não acredito em você.

Mas seu tom sugeria que estava quase acreditando.

Senti um desejo incontrolável de provar a ele que eu tinha superado nossa história — com ou sem um fim propriamente dito, e, nesse caso, sem. E não só isso. Queria mostrar a ele que eu tinha arrumado um cara muito, *muito* melhor. Enquanto Calvin estava ocupado sendo um mulherengo na Califórnia, eu não estava — repito, *não* estava — sofrendo pelos cantos, olhando fotos dele.

— É ele ali, está vendo? — falei, sem pensar.

Os olhos de Calvin seguiram meu gesto até o Volkswagen Jetta vermelho estacionado lá fora, junto à bomba de gasolina mais próxima. O cara abastecendo o Jetta devia ser uns dois anos mais velho do que eu. Seu cabelo castanho era bem curto, revelando a simetria impressionante de seu rosto. Com o sol batendo em suas costas, sombras marcavam as depressões sob suas maçãs do rosto. Não consegui ver a cor de seus olhos, mas eu esperava que fossem castanhos, por nenhuma outra razão além do fato de os olhos de Calvin serem de um tom profundo de verde. O cara tinha ombros esculturais que me fizeram pensar que era nadador, e eu nunca o tinha visto antes.

— Aquele cara? Eu o vi quando entrei. A placa é de Wyoming.

Calvin não parecia convencido.

— Como eu disse, ele é novo na cidade.

— Ele é mais velho do que você — argumentou Calvin.

Lancei para ele um olhar desafiador.

— E daí?

Ouvi o sino da porta, e meu falso namorado entrou. Ele era ainda mais bonito de perto. E seus olhos eram definitivamente castanhos — um tom pálido de castanho. Ele enfiou a mão no bolso de trás para pegar a carteira, e eu agarrei o braço de Calvin e o puxei para trás de uma prateleira cheia de biscoitos doces.

— O que está fazendo? — perguntou ele, me olhando como se eu tivesse duas cabeças.

— Não quero que ele me veja — sussurrei.

— Porque ele não é mesmo seu namorado, né?

— Não é isso. É...

Onde estava a terceira mentira quando eu precisava dela?

Cal sorriu com malícia, e, quando vi, ele havia se soltado da minha mão e estava caminhando devagar em direção ao balcão da loja. Prendi um gemido entre os dentes e observei, espiando entre as duas prateleiras de cima.

— Ei — disse Calvin amigavelmente para o cara, que usava uma camisa xadrez de flanela, jeans e botas de escalada.

O cara não se deu ao trabalho de erguer o olhar, e balançou a cabeça para mostrar que tinha ouvido.

— Ouvi falar que você está namorando a minha ex — disse Calvin, com um tom indiscutivelmente convencido.

Ele estava me fazendo provar um pouco do meu próprio veneno, e sabia disso.

O comentário chamou a atenção do cara, que observou Calvin com curiosidade, e senti minhas bochechas ficarem ainda mais quentes.

— Você sabe, sua *namorada* — provocou Calvin. — Ali, escondida atrás dos biscoitos.

Ele apontou para mim.

Eu me empertiguei, minha cabeça despontando no topo da prateleira. Estiquei a camisa e abri a boca, mas não saiu nada. Nada mesmo.

O cara olhou na minha direção. Nossos olhares se encontraram brevemente, e, sem emitir som algum, balbuciei, completamente envergonhada, um *eu posso explicar...* Mas não podia.

Então, algo inesperado aconteceu. O cara encarou Calvin e disse, com uma voz tranquila e serena:

— Sim. Minha namorada. Britt.

Eu me encolhi, sem ação. *Ele sabia meu nome?*

Calvin parecia igualmente espantado.

— Ah. Ei. Me desculpe, cara. Eu pensei... — Ele estendeu a mão. — Meu nome é Calvin Versteeg — gaguejou, sem jeito. — O ex... da Britt.

— Mason.

Mason olhou para a mão estendida de Calvin, mas não o cumprimentou. Colocou três notas de vinte no balcão para Willie Hennessey. Então, foi até onde eu estava e beijou meu rosto. Foi um beijo sem emoção, mas minha pulsação acelerou mesmo assim. Ele sorriu, e era um sorriso caloroso e sexy.

— Vejo que você ainda não superou seu vício por raspadinhas, Britt.

Lentamente, retribuí o sorriso. Já que ele estava disposto a entrar na brincaadeira, resolvi aproveitar minha deixa.

— Vi você parar o carro, e precisava de algo para me acalmar. — Olhei para ele com adoração, me abanando.

Ele franziu o cenho. Eu tinha quase certeza de que estava rindo por dentro.

— Você devia passar na minha casa mais tarde, Mason, porque comprei um novo brilho labial e ele precisa ser testado... — falei.

— Ah. Um jogo do beijo? — disse ele, sem perder o embalo.

Olhei rapidamente para Calvin para ver como ele estava lidando com a situação. Para meu deleite, parecia que ele tinha acabado de chupar um limão.

— Você me conhece... gosto de apimentar as coisas — retruquei, com a voz doce.

Calvin pigarreou e cruzou os braços.

— Não é melhor você ir logo, Britt? Para chegar à cabana antes de anoitecer.

Algo indecifrável enevoou os olhos de Mason.

— Está indo acampar? — perguntou ele.

— Fazer trilha — corrigi. — Em Wyoming... nas montanhas Tetons. Eu ia contar para você, mas...

Droga! Que motivo eu poderia inventar para não ter contado ao meu namorado sobre a viagem? Estava tão perto de conseguir, e agora ia estragar tudo.

— Mas não parecia importante, já que vou estar fora da cidade também e não vamos poder passar a semana juntos de qualquer maneira — completou Mason com tranquilidade.

Nossos olhos se encontraram novamente. Ele não só era bonito como pensava rápido, e estava disposto a qualquer coisa — até mesmo a fingir ser

o namorado de uma garota que nunca tinha visto — e, além disso, mentia espantosamente bem. Quem *era* aquele cara?

— Isso, exatamente — murmurei.

Calvin inclinou a cabeça na minha direção.

— Quando estávamos juntos, alguma vez deixei você por uma semana sem dizer nada?

“Você me deixou por oito meses”, pensei, sarcasticamente. “E terminou comigo na noite mais importante da minha vida. Jesus disse que devemos perdoar, mas há sempre uma exceção.”

— A propósito, meu pai quer que você venha jantar com a gente semana que vem — falei para Mason.

Calvin deixou escapar um ruído sufocado. Certa vez, quando ainda namorávamos, ele me levou para casa cinco minutos depois do toque de recolher. Tínhamos acabado de sair do carro quando vimos meu pai em pé na varanda, batendo a ponta de um taco de golfe na mão. Ele foi até o carro e bateu com o taco no capô do Ford F-150 preto do Calvin, deixando uma bela cratera redonda.

— Da próxima vez que a trouxer tarde para casa, vou mirar nos faróis — dissera meu pai. — Não seja burro o suficiente para deixar que isso acontecer de novo.

Ele não falava sério, não pra valer. Como eu era a caçula da família e a única menina, meu pai era ranzinza quando se tratava dos meninos que eu namorava. Mas, na verdade, ele era um velho urso adorável. Mesmo assim, Calvin nunca mais desrespeitou o toque de recolher.

E nunca foi convidado para jantar.

— Diga ao seu pai que eu adoraria mais algumas dicas de pesca com mosca — disse Mason, mantendo nossa farsa. Milagrosamente, ele também adivinhou o esporte preferido do meu pai. Toda aquela história estava começando a ficar... estranha. — Ah, e mais uma coisa, Britt. — Ele passou a mão pelo meu cabelo, tirando-o do ombro. Fiquei completamente imóvel, seu toque congelando o ar dentro de mim. — Tome cuidado. As montanhas são perigosas nesta época do ano.

Fiquei olhando espantada até ele sair do posto de gasolina com o carro e ir embora.

Ele sabia meu nome. Tinha me tirado de uma enrascada. Ele sabia *meu nome*.

Tudo bem, estava impresso no peito da minha camisa roxa do acampamento de música, mas Calvin não tinha notado isso.

— Pensei que você estivesse mentindo — disse Calvin, pasmo.

Dei a Willie uma nota de cinco para pagar a raspadinha e guardei o troco.

— Por mais gratificante que essa conversa tenha sido, eu provavelmente devia fazer algo mais produtivo — falei. — Como arranhar aquele seu BMW. É bonito demais.

— Assim como eu? — Ele ergueu as sobrancelhas de forma esperançosa.

Enchi minhas bochechas de raspadinha, fingindo que ia cuspir. Ele pulou e, para minha satisfação, finalmente tirou o sorriso arrogante do rosto.

— Vejo você hoje à noite em Idlewilde — gritou Calvin para mim enquanto eu saía da loja.

Levantei o polegar em resposta.

O dedo do meio teria sido muito óbvio.

Quando passei pelo BMW de Calvin no estacionamento, notei que as portas estavam destrancadas. Olhei para trás para ter certeza de que ele não estava me vendo, então tomei uma decisão repentina. Entrei pela porta do passageiro, desalinhei seu espelho retrovisor, derramei raspadinha nos tapetes e roubei sua preciosa coleção de CDs do porta-luvas. Foi um comportamento meio baixo, mas fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

Eu devolveria os CDs à noite — depois de ter arranhado alguns dos seus preferidos.

BRITT PFEIFFER PASSOU MESES se preparando para uma trilha na Cordilheira Teton com a melhor amiga, mas não estava pronta para enfrentar a violenta nevasca que as pegou de surpresa no caminho. Ao procurar abrigo em uma cabana isolada, elas conhecem dois homens atraentes dispostos a ajudá-las. Pelo menos é isso o que as duas acham.

Criminosos foragidos, eles as fazem reféns. Para se salvar, Britt vai ter que ajudá-los a fugir em segurança, apesar do frio e da neve. Mas, durante a arriscada jornada em meio à natureza selvagem, o que de início é ameaça pode se tornar a salvação.

“Um romance repleto de reviravoltas, que explora temas como vingança, misoginia e relações familiares.”

Publishers Weekly

“Uma trama cheia de mistério, romance e suspense.”

The Guardian

“Tenso, interessante e com uma protagonista forte.”

USA Today

